

NOTAS SOBRE AS PRODUÇÕES *NONSENSE* DE EDWARD GOREY (1925-2000) E DE EDWARD LEAR (1812-1888)¹

Angelica Micoanski Thomazine²

Edward Gorey (1925-2000), escritor e ilustrador pós-moderno norte-americano, produziu mais de cinquenta livros, sendo a maioria deles composta por poesias narrativas. Seu trabalho ainda não é muito conhecido no Brasil, embora já exista a tradução de um de seus livros: “A Bicicleta Epiplética”, traduzido por Alexandre Barbosa de Souza e Eduardo Verderame, e publicado pela Cosac Naify no ano de 2013.

O escritor estudou Literatura Francesa pela Universidade de Harvard. Através da biografia de Edward Gorey, escrita por Alexander Theroux (2010): *The Strange Case of Edward Gorey*, é possível notar que o escritor era eclético, não apenas nas leituras que realizava, mas também apreciava outras formas de arte, como pinturas, desenhos, cinema mudo e dança contemporânea, sobretudo as propostas pelo coreógrafo Balanchine, o que pode ter influenciado na forma como o movimento é representado em suas ilustrações.

Não é novidade que as leituras e conhecimentos prévios de um escritor interferem em sua produção; conforme ensina Júlio Plaza (2003, p. 1): “Só é possível compreender o presente na medida em que se conhece o passado”. Portanto, pretende-se explorar e compreender uma das possíveis referências literárias presentes na obra de Gorey: algumas semelhanças entre o trabalho dele e as produções de Edward Lear, escritor e ilustrador britânico da Era Vitoriana, um dos precursores do gênero *Nonsense*.

Para isso, a pesquisa se dividirá em duas etapas, primeiramente, através de uma breve apresentação do escritor britânico Edward Lear, acompanhado de uma

¹ Esta pesquisa traz algumas citações retiradas de livros escritos em inglês, estas citações foram traduzidas pelo autor no corpo do texto e reproduzidas conforme texto original nas notas de rodapé.

² Docente da UFAC no curso de Letras - Inglês, Graduada em Letras Português/Inglês pela Unioeste - Universidade do Oeste do Paraná, Mestre em Estudos da Tradução pela UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina; pesquisadora nas áreas de Literaturas de Língua Inglesa, Literatura e Tradução, Tradução Literária e Língua Inglesa. E-mail: angelicamicoanski@gmail.com

explicação sobre o gênero *Nonsense*. Em seguida, será realizada uma análise sobre as obras de Edward Gorey a fim de compará-las com as produções de Edward Lear, identificando similaridades entre as produções destes dois escritores.

As seguintes obras do escritor norte-americano serão mencionadas no decorrer da pesquisa como exemplos e objetos de estudo: *The Doubtful Guest* (1972b), *The Gashlycrumb Tinies* (1972c), *The Hapless Child* (1972d), *The Listing Attic* (1972e), *The Beastly Baby* (1975b), *The Gilded Bat* (1975c), e *The Lavender Leotard* (1975d). Quanto às obras do escritor britânico, serão utilizados os livros disponíveis virtualmente: *A Book of Nonsense* e *The Story of the Four Little Children Who Went Round the World*, além da obra *Viagem numa peneira* (2011), que traz alguns limeriques, entre outros textos de Lear, traduzidos e publicados no Brasil por Dirce Waltrick do Amarante.

Edward Lear e o gênero *Nonsense*

Segundo Vivien Noakes (1979), Edward Lear, nascido em Holloway, em Maio de 1912, filho de Jeremiah Lear e Ann Clark Skerrett, foi cuidado e educado por sua irmã mais velha, Ann. Quando ainda criança, Lear desenvolveu mudanças de humor, o que ele chamava de *the morbid*s; posteriormente, por volta dos cinco anos, passou a ter ataques de epilepsia, os quais chamou de "*the Demon*". Os ataques de epilepsia amedrontaram a infância do escritor e faziam com que ele se isolasse, encontrando alegria apenas em sua própria imaginação.

Foi através da educação dada por Ann que Lear teve contato com a literatura, com a leitura de histórias bíblicas, mitológicas, e de poesias Românticas, como as escritas por Byron. Noakes (1979) defende que Byron pode ter inspirado Lear a escrever textos irônicos e às vezes macabros, que tematizam a morte. O escritor vitoriano também descobriu a pintura quando ainda era criança, com a ajuda de duas de suas irmãs, as quais lhe ensinaram a reproduzir pássaros e borboletas em telas.

A pintura trouxe o sustento de Lear durante vários anos de sua vida, ao passo que desde jovem ele começou a vender seus desenhos. Já em suas primeiras pinturas foi possível notar que suas ilustrações transmitiam movimento, pois os pássaros eram ilustrados como se estivessem voando ou cantando. O título de seu primeiro livro de

ilustrações publicado foi *Illustrations of the Family of Psittacidae, or Parrots*, em 1832. Após esta publicação, outros trabalhos surgiram, muitos deles tendo sido encomendados. Posteriormente, foi convidado por Lord Stanley, herdeiro do Conde de Derby, a desenhar os animais de Knowsley, onde começou a ilustrar também canções de ninar e a produzir suas próprias canções *nonsense*.

Edward Lear viajou muito durante sua vida em consequência de seu trabalho como pintor de animais e também de paisagens naturais, muitos de seus livros de ilustrações foram publicados, e seu trabalho, de qualidade indiscutível, permitiu que ele fosse convidado para dar aulas de desenho para a Rainha Vitória. Por volta de 1850 alguns de seus desenhos foram enviados para a Academia Real Inglesa (*Royal Academy Schools*, fundada por James III, em 1768), onde foi recebido para estudar artes por um período de dez anos; todavia permaneceu na mencionada Academia por apenas um ano.

Um pouco antes disso, em 1846, Lear publicou seu livro *A book of nonsense*, composto de Limeriques³, o qual fez bastante sucesso. Conforme Vivien Noakes (1979, p. 229, tradução da autora⁴): “A busca de Lear – talvez paradoxalmente para um escritor de nonsense – era por realidade: as pessoas e as coisas devem ser vistas e aceitas como elas realmente são, e não como elas deveriam ser”.⁵

A busca em apresentar coisas e pessoas “como elas realmente são” fez surgir, na verdade, uma literatura divertida, cômica, grotesca, que causa riso no leitor. Este paradoxo mencionado por Noakes (1979) ilustra uma possível definição para o *nonsense* produzido pelo escritor britânico, já que do ponto de vista de Wim Tigges (1988), é mais fácil exemplificá-lo do que tentar defini-lo.

Outro ensinamento de Tigges (1988) é que há vários tipos de *Nonsense*: “[...] o nonsense de histórias (contos de fadas), moral, teológico, dramático, poético, satírico, parodístico, nonsense caricaturista, de jornal cômico, nonsense tendencioso e,

³ O termo Limerique, como tradução para *Limerick*, foi adotado por Amarante (2011), tradutora do livro *Viagem numa peneira*, de Edward Lear.

⁴ As traduções de citações presentes no corpo do texto foram realizadas pela autora. Nos casos em que a tradução tenha sido realizada por outro(a) autor(a), este(a) será mencionado através de nota de rodapé.

⁵ “*Lear’s quest – paradoxically perhaps for a nonsense writer – was for reality: people and things must be seen and accepted as they are, and not as they ought to be*” (NOAKES, 1979, p. 229).

finalmente, o nonsense ‘puro’ de Edward Lear” (TIGGES, 1988, p. 07).⁶

Além disso, o termo *Nonsense* não quer dizer que não exista sentido algum, não se resume à ausência total de sentido, pelo contrário, conforme afirma Tigges (1988, p. 51) é “uma tensão não resolvida, [...] um balanço entre a presença e a ausência de sentido”. Essa tensão surge no leitor que tenta estabelecer sentido numa leitura que é composta de eventos e cenas que muitas vezes lhe causam estranheza e que, na verdade, não podem ser definidas como detentoras de sentido.

Myriam Ávila (1995) afirma, a partir de seu livro *Rima e Solução*, que o gênero *Nonsense* surgiu na Inglaterra Vitoriana, com os autores Edward Lear e Lewis Carroll, embora já fosse possível notar características deste gênero muito antes do Período Vitoriano, já que brincar com as palavras e criar neologismos, por exemplo, ocorrem em obras anteriores àquela época. O que Ávila (1995) explica é que apesar da existência de características deste gênero em obras anteriores a Era Vitoriana, o surgimento de um livro que tivesse o *Nonsense* como característica principal acontece apenas a partir destes escritores vitorianos.

Ainda, por meio do capítulo *An Anatomy of Nonsense*, escrito por Wim Tigges (1987a) e publicado no livro *Explorations in the Field of Nonsense*, pode-se afirmar que o *nonsense* não é a total ausência do sentido, pois está mais para uma frustração nas expectativas criadas pelo leitor, é quando o sentido é “sugerido e extirpado”⁷ (TIGGES, 1987a, p. 31).

Lisa Ede (1987) afirma também que o *nonsense* foi uma forma de autodefesa para Edward Lear, alegando que foi através deste gênero que o autor conseguiu esconder seus sentimentos e desesperos, ao passo que o *nonsense* não traz qualquer alusão a sentimentos, nem mesmo busca evocá-los no leitor. Para tanto, evita-se temas que sejam carregados de conotação sentimental; conseqüentemente, a “literatura Nonsense pode evocar um mundo impossível através de imagens bastante concretas” (LEEuwEN, 1987, p. 61)⁸.

⁶ “[...] nonsense of story (fairy tales), moral, theological, dramatic, poetical, satirical, parodistic, caricaturistic nonsense, that of the comic jornal, tendentious nonsense, and finally the ‘pure’ nonsense of Edward Lear” (TIGGES, 1988, p. 07).

⁷ “suggested and taken away” (TIGGES, 1987, p. 31).

⁸ *Nonsense literature can evoke an impossible world by means of very concrete images* (LEEuwEN, 1987, p. 61).

Os limeriques compostos por Lear, embora sejam poesias narrativas bastante curtas, trazem à tona cenas de coisas comuns do cotidiano, mas de forma exagerada, ou que podem causar estranheza no leitor, sempre acompanhados de ilustrações. A propósito, a ilustração está sempre conectada ao texto, cumpre um papel importante na composição *nonsense* dos limeriques, já que, conforme afirma Tigges (1987b), para que eles sejam *nonsensical*, o leitor precisa também da informação que está contida na ilustração. Para exemplificar isto, Tigges (1987b) traz o seguinte limerique, acompanhado de sua respectiva ilustração:

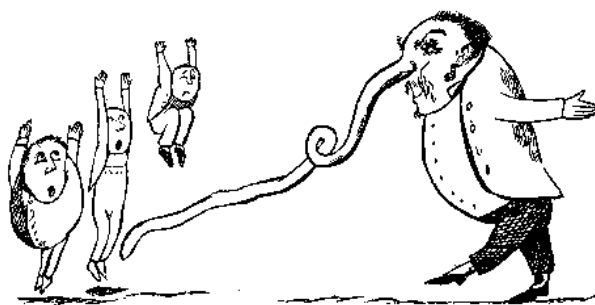


Figura 1: Ilustração que complementa o sentido do limerique.

Havia um velho com um nariz,
Que falou: “Ei, se você me diz
Que meu nariz é avantajado, saiba que está enganado!”
Esse notável velho com um nariz. (LEAR, 2011, p. 42)⁹

Este limerique narra um velho que nega ter um nariz avantajado. Ao observar o texto verbal, isolando-o da ilustração, não é possível afirmar o quão avantajado era o nariz do velho, nem mesmo é possível saber se o nariz era, de fato, avantajado. Neste caso, o elemento *nonsense* é identificado através da ilustração, que apresenta um nariz muito comprido, semelhante a uma corda, tão avantajado que obriga os outros personagens a pularem para não serem atingidos. A partir deste exemplo é possível notar que o texto não verbal complementa o verbal e vice-versa, e que isolados não seriam, necessariamente, *nonsense*.

Em resumo, o gênero *nonsense* ocorre na Era Vitoriana através das produções de Edward Lear e também de Lewis Carroll. Nas obras de Lear este gênero é contemplado através de narrativas, principalmente das poesias narrativas denominadas Limeriques, e o elemento *nonsense* nem sempre é percebido no texto verbal do limerique, já que também pode ocorrer nas ilustrações. Posteriormente à Era Vitoriana, nos Estados Unidos, Edward Gorey produziu uma literatura na qual também se pode perceber características *nonsense*, muitas vezes de uma maneira similar às produções de Lear, com temas que também podem causar estranheza ao leitor.

⁹ Tradução de Dirce Waltrick do Amarante.

Algumas referências ao trabalho de Edward Lear nas produções de Edward Gorey

Edward Gorey, desenhista de cenários e fantasias para uma produção do *Drácula* na Broadway, em 1977, assistiu a toda as apresentações de balé de George Balanchine enquanto esteve em Nova Iorque, produziu as imagens de abertura da série de televisão chamada *Mystery*, e apreciava filmes mudos e leitor eclético, foi escritor e ilustrador de mais de cinquenta obras, sendo elas também organizadas em quatro principais coletâneas: *Amphigorey* (1972a), *Amphigorey Too* (1975a), *Amphigorey Also* (1984), e *Amphigorey Again* (2006).

Conforme Theroux (2010), as obras de Gorey são “inclassificáveis”, pois não são simplesmente livros infantis, tampouco meramente cômicos, alguns parecem ser paródias da era Vitoriana, com textos curtos compostos de narrativas ilustradas, nas quais se pode perceber características dos romances góticos, sátiras, características mórbidas, obscuras, trágicas, tendo a morte e a violência como ingredientes principais. Há escritos que são similares às cantigas de ninar, muitas vezes trazendo à tona características das vanguardas modernistas, como o dadaísmo ou o surrealismo, e há, talvez, em todas as suas obras, características do mencionado gênero *Nonsense*.

Em meio a tais descrições, é importante destacar que ele foi leitor de autores vitorianos e que, embora não se possa afirmar que seus escritos tenham sido influenciados pelas obras de Edward Lear, é possível notar similaridades entre os trabalhos dos dois escritores. Para que se possa ilustrar esta afirmação optou-se por evidenciar algumas semelhanças entre estes escritores e suas obras.

Um dos primeiros pontos a se comentar é o fato de que ambos publicaram suas obras sob pseudônimos. Lear publicou as duas primeiras edições do livro *A book of nonsense* sob pseudônimo, mas conforme afirma Vivian Noakes (1979), numa viagem de trem ele viu algumas crianças lendo seu livro, se apresentou como autor da obra, e foi desacreditado pelas senhoras ali presentes, a partir daí optou assumir a autoria de sua obra. Similarmente, Gorey também publicou alguns livros sob pseudônimos, na maioria das vezes inventados a partir de anagramas de seu próprio nome, por exemplo: *Garrod Weedy*, *Wardore Edgy* e *Edward Blutig*. A partir de uma entrevista concedida por Gorey a Robert Dahlin, ele afirma que queria ter escrito tudo sob pseudônimos, e que quando as pessoas lhe perguntavam o motivo disso ele

mesmo não conseguia explicar o porquê, mas defendia a ideia de que não havia conexão entre quem o autor é e o que ele publica. Ademais, do ponto de vista de Wilkin (2009, p. 10) “[...] é difícil decidir se essas invenções [de pseudônimos] indicam um desejo genuíno de omissão ou são simplesmente manifestações da paixão que Gorey tinha por jogos de palavras – em diferentes línguas”¹⁰

Outro ponto interessante entre os dois escritores é que ambos aceitavam projetos ou encomendas de desenhos. Mais que isso, Lear dependia de seus desenhos para seu próprio sustento; por isso, projetava suas próprias ilustrações e pinturas. Ambos os artistas ilustraram obras de outros escritores; a propósito, Gorey ilustrou os poemas *The Jumblies* (1968) e *The Dong with a Luminous Nose* (1969) escritos por Lear.

O apreço por gatos também era algo em comum entre os dois escritores, resultando em trabalhos que apresentassem felinos como personagens ou nas ilustrações. Lear, por exemplo, escreveu *A coruja e a gatinha*¹¹ e *As traduções do Sr. Lear & do Papagainho [& do] Gatinho mordaz a caminho das montanhas Ritertáitou*. Além disso, o escritor vitoriano tinha um gato, com a ponta do rabo cortado, que se chamava Foss e que o acompanhou por dezessete anos, inclusive nas viagens realizadas pelo autor. O gato do rabo cortado foi várias vezes ilustrado por seu dono, como se pode notar no exemplo a seguir:



Figura 2: Foss – o gato de Edward Lear.

Do mesmo modo, Gorey também desenhava gatos com bastante frequência.

¹⁰ “[...] it’s difficult to decide whether these inventions indicate a genuine desire for concealment or are simply manifestations of Gorey’s love of wordplay – in several languages” (WILKIN, 2009, p. 10).

¹¹ Traduzido por Dirce Waltrick do Amarante.

Na visão de Alexander Theurox (2010), ilustrar gatos e morcegos era uma espécie de assinatura para este escritor. O que o motivava a gostar tanto desses animais era o fato de que para ele os felinos tinham diferentes personalidades. Cabe ressaltar que o escritor teve vários gatos, o primeiro quando ainda tinha sete anos. Conforme se pode notar a partir do texto *The cat quotes of Edward Gorey*, organizado por Merrill Filstrup, e publicado no livro *Ascending Peculiarity: Edward Gorey on Edward Gorey* (2001), seus bichos eram nomeados conforme qualquer coisa que viesse à mente do autor. Para Gorey, os gatos não eram apenas bichos de estimação, eram seus companheiros, cada um uma personalidade única, o que os transformava em indivíduos. Para exemplificar essa “assinatura” de Gorey através da ilustração de gatos, segue a imagem da coletânea *Amphigorey* (1972a), na qual cada letra do título traz consigo a ilustração de um gato vestindo ou utilizando acessórios humanos:

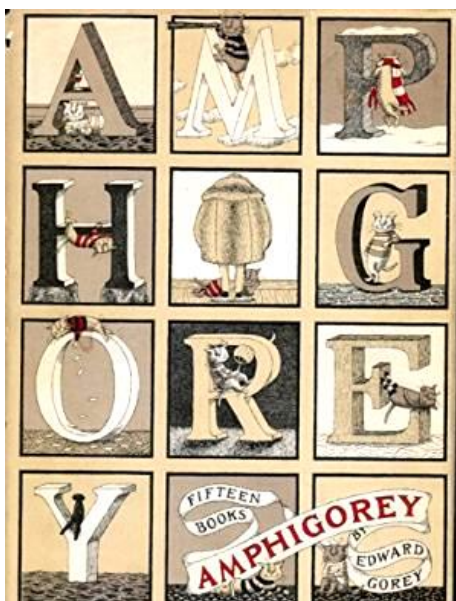


Figura 3: Capa do livro *Amphigorey*, escrito por Edward Gorey, na qual se pode observar a ilustração dos felinos.

Outro ponto a se destacar é que tanto Lear quanto Gorey criam personagens grotescos, muitas vezes atenuam deformidades físicas, ou descrevem comportamentos incomuns que podem causar estranheza ao leitor. Conforme se pôde notar no limerique mencionado anteriormente, referente ao velho do nariz avantajado, Lear traz essas deformidades físicas de uma maneira cômica. Em outros limeriques é possível

notar algo similar, há um velho com pernas muito longas, personagens que se alimentam de lesmas, uma avó que quer queimar a neta, há insetos que são maiores que pessoas, uma senhora que toca harpa com seu próprio queixo, entre tantos outros.

Similarmente, Gorey também criou histórias e personagens grotescos, todavia algumas de suas narrativas remetem mais ao horror, como é o caso dos limeriques presentes no livro *The Listing Attic* (1972e), ou do livro *The Beastly Baby* (1975b), que apresenta um bebê grotesco, pois era maior que outros bebês, tinha um pé com muitos dedos e outro faltando dedos, duas mãos esquerdas, nariz com formato de bico, olheiras, entre outras características incomuns a um bebê, como se pode notar a partir da seguinte ilustração:



Figura 4 - Capa do livro *The Beastly Baby* (1975b), com personagem grotesco.

Do mesmo modo, ambos os autores têm ilustrações com personagens em movimento. Na maioria das vezes os personagens de Lear parecem estar dançando, pulando, ou na ponta dos pés, o que transmite certa leveza para o espectador. Gorey também ilustrou personagens saltando nas pontas dos pés, similares aos ilustrados por Lear, como se pode notar nos livros *The Gilded Bat* (1975b) e *The Lavender Leotard* (1975d).

Por outro lado, é possível perceber que há também ilustrações em que os personagens parecem estar entediados, ou se arrastando, como se o movimento fosse pesado, sombrio ou desanimador. Certamente as ilustrações realizadas pelos autores são intimamente ligadas aos textos verbais. Hendrik van Leeuwen (1987), ao comparar o processo de leitura de texto verbal e de texto não verbal afirma que:

Há uma diferença em se falando de contexto [entre texto verbal e não verbal]. No texto verbal o sentido se desenvolve durante o processo de leitura, passo a passo. Uma frase é um conjunto de palavras, uma história é um conjunto de frases. O texto verbal se revela conforme o movimento dos olhos, e pode, se desejar, levar o leitor a uma armadilha, assim como o nonsense gosta de fazer. O leitor viaja por horizontes desconhecidos com uma bagagem cada vez maior. Apenas com uma releitura é que se conhece o contexto completo. Normalmente a velocidade da leitura, então, é menos apressada e a palavra isolada pode ser apreciada com toda sua significância. Ainda, ler será sempre, no sentido mais literal, um “passatempo” – como o processo de fotografar.

As imagens bidimensionais entregam tudo de uma vez só. Não há desenvolvimento; as figuras estão congeladas; uma casca de banana fica eternamente jogada na calçada. Isso não significa que os olhos não estão “lendo”. Eles zigzagueiam pela figura. Uma impressão é formada através de reconhecimento e comparação, mas o contexto é todo abarcado desde o primeiro olhar. Na arte, o tempo é uma noção estática (LEEUWEN, 1987, p. 62-63).¹²

Na sequência, o pesquisador afirma que embora cada leitor enxergue ou leia de uma maneira única, a literatura *nonsense* não permite muitas leituras variáveis, pois a imagem que o leitor cria através dos textos verbal e não verbal é a mais concreta e explícita possível; em outras palavras, pode-se dizer que não se faz literatura *nonsense* utilizando-se de arte abstrata.

Quando se lê um livro de um dos citados escritores é necessário estar atento ao texto verbal e ao não verbal, conjuntamente, apreciando o texto escrito e as surpresas que ele pode trazer, sem deixar de dedicar um tempo examinando as ilustrações, pois elas também comunicam, informam e complementam o texto verbal, afinal “nem tudo que pode ser percebido na língua [escrita] pode também ser

¹² *There is also a difference in the notion of context. In language meaning develops during the process of reading, step by step. A sentence is a string of words, a story is a string of sentences. Language reveals as it were from hand to mouth, and can if desired lure the reader into a trap, as nonsense likes to do. The reader travels to unknown horizons with an increasing amount of luggage. Only when re-reading does one know the complete context. Usually the speed of Reading then becomes less hurried and the isolated word can be tasted in its full significance. Still, Reading will at all times remain in the most literal sense a “pastime” – a process of taking snapshots.*

The two-dimensional Picture surrenders all its relations at one blow. There is no development; figures are frozen in movement; a banana-peel lies eternally waiting on the pavement. This does not mean that the eye is not “Reading”. It zigzags across the Picture. By reconnoitring and comparing an impression is formed, but the context is all-embracing from the first glance. In art, time is a static notion. (LEEUWEN, 1987, p. 62-63)

percebido por meio das imagens, ou vice-versa” (KRESS & LEEUWEN, 2006, p. 19).¹³

Outro ponto a se destacar é que a literatura *nonsense* é muitas vezes rotulada como literatura infantil e juvenil. Em consequência disso, ambos os escritores ficaram conhecidos por produzirem uma literatura direcionada para este público. Edward Lear, de fato, escreveu alguns de seus poemas para crianças; entretanto não se pode dizer o mesmo de Gorey, já que ele alega não ter escrito para nenhum público específico, argumentando, inclusive, que não conhecia nenhuma criança, exceto seus dois sobrinhos.

Conforme menciona Noakes (1979), o livro *A Book of Nonsense* foi publicado no mesmo ano que as histórias de Hans Andersen. Com isso, surgiu um conflito entre a literatura de cunho pedagógico, que buscava instruir a criança a ter um bom comportamento, e a literatura de entretenimento, sem intenção moral, apenas com a função divertir o leitor. Os escritos de Lear pertencem a este grupo de literatura de entretenimento, que não se preocupa em transmitir ensinamentos ou lições de moral para o público leitor. Consequentemente, os heróis de suas histórias nem sempre são virtuosos, pelo contrário, na maioria das vezes são provocantes, tristes, maléficos, entre outras características incomuns ao que se imagina para um herói.

Do mesmo modo, Gorey também não produziu uma literatura com cunho pedagógico, tampouco criou heróis virtuosos, mas provocantes, infelizes, trágicos e macabros, com características perniciosas. Segundo Leeuwen (1987), não há questões morais na literatura do autor, as crianças personagens de seus livros morrem tragicamente, como a personagem Charlotte Sophia, do livro *The Hapless Child* (1972d), que fica órfã, é vendida para um “bruto” e quando consegue ficar livre é acidentalmente atropelada pelo carro do próprio pai, que havida voltado de uma guerra e estava à procura dela, mas que não a reconhece. Há também personagens que sofrem acidentes ou mortes que beiram o absurdo, como em *The Beastly Baby* (1975b), que foi levado por uma águia; ou mortes acidentais, como ocorre com a personagem Ida, que afundou num lago, em *The Gashlycrumb Tinies* (1972c).

A morte, como se pode notar, é tema comum nos escritos de Gorey, sem

¹³ “not everything that can be realized in language can also be realized by means of images, or vice versa” (KRESS & LEEUWEN, 2006, p. 19).

referências metafóricas, mas como algo simples e cotidiano. Em alguns casos a morte é relacionada ao cômico, o que pode causar estranhamento no leitor. Esta é mais uma característica do *Nonsense* e também uma similaridade às obras de Lear. Na narrativa *The four little children who went round the world*, por exemplo, as crianças voltam de uma viagem sentados sobre um rinoceronte; após chegarem em casa, matam e empalham o animal transformando-o em um capacho para porta. A morte do rinoceronte pode surpreender o leitor e até leva-lo ao riso em consequência da comicidade e da estranheza da cena, mas provavelmente não causará espanto, exatamente por ser uma cena *nonsense*.

É possível perceber essa temática também nos limeriques de Edward Lear. Conforme menciona Tigges (1987): “Violência, que normalmente resulta em morte, ocorre em mais de vinte e quatro casos (TIGGES, 1987, p. 127)¹⁴. No entanto, na maioria das vezes isso acontece de maneira implícita, sugestiva, acompanhado de comicidade. Há, por exemplo, uma senhora que quer assar a neta, mas a menina oferece o gato em seu lugar; outra senhora que gira até afundar sob a terra; ou o velho rude que foi calado com um martelo; em nenhum desses exemplos a morte fica explícita.

Cabe destacar que cena de morte raramente aparece nas ilustrações dos livros dos dois escritores. Na maioria das vezes ilustra-se uma cena anterior, mas que permite prever, com a narrativa, a cena que acarretaria ao fato trágico. No segundo verso do livro em formato de alfabeto *The Gashlycrumb Tinies* (1972c), por exemplo, a ilustração apresenta o menino prestes a ser atacado por ursos, o que provavelmente resultaria na morte desta criança. A cena, porém, apenas sugere isso, não explicita:

¹⁴. *Violence, usually resulting in death, occurs in no fewer than twenty-four instances* (TIGGES, 1987, p. 127).



Figura 5: Imagem retirada do livro *The Gashlycrumb Tinies* (1972c)

Há ainda muito o que se estudar e explorar nas obras destes dois autores, assim como também há ainda muito o que encontrar ao pesquisar sobre o *Nonsense*. Em resumo, esta pesquisa permitiu identificar várias semelhanças entre os autores Lear quanto Gorey, como o fato de apreciarem assinar suas obras sob pseudônimos, gostavam de ter felinos e de representarem-nos em suas ilustrações, serem produtores de literatura infantil e juvenil, todavia, sem cunho pedagógico ou intenção moral, sendo esta uma literatura de entretenimento. Observou-se também que ambos criaram personagens grotescos, pois apresentavam deformidades físicas ou tinham comportamentos estranhos, mas que também eram cômicos, e que dentre os temas abordados pelos autores, um deles era a morte, que também pode vir acompanhada de comicidade, ou beirar o absurdo ou, ainda, ser trágica, mas sem expressar sentimentos ou evocar sentimentos no leitor.

REFERÊNCIAS

- EDE, Lisa. An Introduction to the Nonsense Literature of Edward Lear and Lewis Carroll. In: TIM WIGGES (ed.). *Explorations in the Field of Nonsense*. Amsterdam: Rondopi, 1987. p. 47-60.
- GOREY, Edward. *Amphigorey*. New York: Perigee, 1972a.
- _____. *Amphigorey Too*. New York: Perigee, 1975a.
- _____. *Amphigorey Also*. New York: Harcourt, 1984.

- _____. *Amphigorey Again*. New York: Harcourt, 2006.
- _____. The Beastly Baby. In: *Amphigorey Too*. New York: Perigee, 1975b.
- _____. The cat quotes of Edward Gorey: depoimento. [2001a]. Orlando. Entrevista concedida a Jane Merrill Filstrup.
- _____. Conversation with Writers: Edward Gorey: depoimento. [2001b]. Orlando. Entrevista concedida a Robert Dahlin.
- _____. The Doubtful Guest. In: *Amphigorey*. New York: Perigee, 1972b.
- _____. The Gashlycrumb Tinies. In: *Amphigorey*. New York: Perigee, 1972c.
- _____. The Gilded Bat. In: *Amphigorey Too*. New York: Perigee, 1975c.
- _____. The Hapless Child. In: *Amphigorey*. New York: Perigee, 1972d.
- _____. The Lavender Leotard. In: *Amphigorey Too*. New York: Perigee, 1975d.
- _____. The Listing Attic. In: *Amphigorey*. New York: Perigee, 1972e.
- KRESS, Gunther; LEEUWEN, Theo. *Reading Images: the grammar of visual design*. 2a ed. New York: Routledge, 2006.
- LEEUWEN, Hendrik. The Liaison of Visual and Written Nonsense. In: WIM TIGGES (ed.). *Explorations in the Field of Nonsense*. Amsterdam: Rondopi, 1987. p. 61-96.
- LEAR, Edward. *A Book of Nonsense*. Disponível em: <<http://www.nonsenselit.org/Lear/index.html>> Acesso em: 05 mai. 2017.
- _____. *The Story of the Four Little Children Who Went Round the World*. Disponível em: <<http://www.nonsenselit.org/Lear/ns/fc.html>> Acesso em: 02 mai. 2017.
- _____. *Viagem numa peneira*. Tradução de Dirce Waltrick do Amarante. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- PLAZA, Julio. *Tradução Intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- NOAKES, Vivien. *Edward Lear*. Great Britain: William Collins Sons & Co Ltd, 1979.
- TIGGES, Wim. An Anatomy of Nonsense. In: _____ (ed.). *Explorations in the Field of Nonsense*. Amsterdam: Rondopi, 1987a. p. 23-46.
- TIGGES, Wim. *An Anatomy of Literaty Nonsense*. Amsterdam: Rodopi, 1988.
- _____. The Limerick: the Sonnet of Nonsense? In: _____ (ed.). *Explorations in the Field of Nonsense*. Amsterdam: Rondopi, 1987b. p.117-134.
- WILKIN, Karen. *Ascending Peculiarity: Edward Gorey on Edward Gorey*. Orlando:

Harcourt, 2001.

_____. *Elegant Enigmas: The art of Edward Gorey*. Portland: Pomegranate, 2009.

NOTAS SOBRE AS PRODUÇÕES NONSENSE DE EDWARD GOREY (1925-2000) E DE EDWARD LEAR (1812-1888)

Resumo: O presente artigo propõe uma breve revisão/explicação sobre do gênero literário denominado *Nonsense*, seguida de uma comparação entre os trabalhos dos escritores Edward Gorey (1925-2000) e Edward Lear (1812-1888), nos quais este gênero literário está presente. O primeiro foi um escritor Norte-Americano Pós-Moderno que resgatou, através de suas produções escritas e de suas ilustrações, características similares aos livros escritos e ilustrados por Edward Lear, escritor Britânico da Era Vitoriana. Esta é uma pesquisa bibliográfica que busca apresentar os escritores, descrever o gênero *Nonsense* a partir de teóricos estudiosos da área e, em seguida, expor similaridades entre as produções dos dois escritores, como a relação entre seus textos verbais e não verbais, a criação de personagens grotescos, e algumas temáticas abordadas em seus trabalhos.

Palavras-chave: *Nonsense*, Edward Gorey, Edward Lear, literatura estrangeira.

NOTES ABOUT THE NONSENSE WRITINGS OF EDWARD GOREY (1925-2000) AND EDWARD LEAR (1812-1888)

Abstract: This research aims to review and describe the literary genre known as Nonsense and to compare the writings of the authors: Edward Gorey (1925-2000) and Edward Lear (1812-1888). Gorey was a Post Modern North American writer who wrote a kind of literature very similar to the texts written and illustrated by Edward Lear, who was a British writer during the Victorian Age. The purpose of this bibliographical research is to present the writers, to describe the Nonsense as a literary genre and to expose some of the similarities between some of the books of Lear and Gorey, as the relation between verbal and non-verbal texts, besides presenting the creation of grotesque characters, and the common themes present in their works.

Key-words: Nonsense, Edward Gorey, Edward Lear, Foreign Literature.

NOTAS SOBRE LOS ESCRITOS NONSENSE DE EDWARD GOREY (1925-2000) Y EDWARD LEAR (1812-1888)

Resumen: El objetivo de este artículo es hacer una revisión del género literario llamado *Nonsense* y posteriormente comparar los trabajos de los escritores Edward Gorey (1925-2000) y Edward Lear (1812-1888) en los cuales este género literario está presente. Gorey fue un escritor norteamericano post-moderno que rescató en sus escritos características similares a los libros de Edward Lear, escritor británico del Periodo Vitoriano. Esta es una investigación bibliográfica que busca presentar los dos escritores, describir el género *Nonsense* basándose en estudiosos del area, y exponer algunas de las similitudes presentes en las obras de los dos escritores, como la relación entre sus textos verbales y no verbales, la creación de personajes grotescos y la presentación de algunas temáticas abordadas en sus trabajos.

Palabras clave: *Nonsense*, Edward Gorey, Edward Lear, literatura extranjera

Submetido em Março de 2017

Aprovado em Junho de 2017